

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



NOVAIS, Fernando Antônio (Guararema, 1933)

Fernando Antônio Novais nasceu em Guararema, cidade do interior do estado de São Paulo em 1933. Graduou-se em História pela Universidade São Paulo, onde também desenvolveu sua carreira de professor e pesquisador entre 1957 e 1986. Foi, inicialmente, assistente da Alice Piffer Canabrava (1911-2003) na cadeira de *História Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil* da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, então recém-criada na USP. Mas foi na cadeira de História Moderna e Contemporânea do departamento de História da USP, sob orientação de Eduardo D'Oliveira França (1917-2003), que desenvolveu suas pesquisas atendendo às intenções da cadeira de perscrutar as articulações entre a história do Brasil e a história europeia, notadamente a história de Portugal.

Entre 1958 e 1964, integrou o grupo de pesquisadores que formou o *Seminário Marx*, junto com intelectuais como Bento Prado Jr, Fernando Henrique Cardoso, Roberto Schwarz e José Arthur Giannotti. Desta forma, em sua formação entroncaram-se uma refinada leitura e interpretação de Marx com os influxos da longa duração proposta pelos Annales, estes últimos bastante influentes nos primeiros passos dados pela historiografia uspiana nos anos 30 e 40. Mas suas leituras ultrapassavam em muito os possíveis limites colocados pela urgência de explicar a inserção do Brasil no capitalismo mundial e da longa duração. Indagado por esta biógrafa sobre suas leituras de José Ortega y Gasset (1883-1955), dado que logo na Introdução de sua tese de Doutorado, quando afirma que o estudo das transições em História é fundamental, reporta-se ao espanhol, respondeu rapidamente: "Ortega escreveu a melhor definição marxista de História, qual seja, homem não tem natureza, tem História". Desta forma, movimentando-se entre leituras de Karl Marx (1818-1883), Fernand Braudel (1902-1985) e José Ortega y Gasset, e acompanhando a orientação de Oliveira França, em sua busca pelas articulações entre a história de Portugal e a experiência brasileira, fato que aproximava de autores como Jaime Cortesão (1884-1960), Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011) e Joaquim Barradas de Carvalho (1920-1980), Fernando Novais elaborou o conceito de *Antigo Sistema Colonial*, fundamental no debate historiográfico sobre os sentidos da colonização e da independência do Brasil.

É possível afirmar que trilhou o caminho indicado por Jaime Cortesão, destacando o papel de Portugal no processo global de expansão marítima e, em meio aos mares nunca antes navegados, a formação do



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Brasil. Mesmo que se considere o acento maior colocado pelo historiador português no desenvolvimento da civilização ocidental, e pelo historiador brasileiro no enraizamento do capitalismo, o caminho aberto pelas interpretações de longa duração e de grandes estruturas foi a inspiração maior dos dois autores. No mesmo sentido, acompanhou a preocupação de Vitorino Magalhães Godinho com os estudos que apontassem os elementos condicionantes da nação expansionista em relação às regiões visadas e/ou conquistadas como critério para compreender as formas de produção e trabalho que se estabelecem a partir dos primeiros contatos e nas relações posteriores. A advertência tomada ao português aparecia já em um artigo de 1957 intitulado “Colonização e desenvolvimento econômico”. Em seu Doutorado, defendido em 1973 e intitulado *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, a articulação fina entre essas leituras na formulação do conceito de *Antigo Sistema Colonial*, ofereceu aos leitores uma explicação da expansão marítima e da colonização do Brasil dela decorrente, como elementos do processo de acumulação primitiva de capital que criaria os fundamentos para a industrialização e o enraizamento do capitalismo no mundo contemporâneo. Tratava-se, no seu entender, de um sistema criado a partir do século XVI, cujo desenvolvimento no século XVIII criou as condições para sua própria superação, que se emblemou na abertura dos portos brasileiros às nações amigas em 1808 e, no limite, em reflexão que desenvolveria em outros textos, na independência do Brasil em 1822. Desta forma, sendo o Brasil fruto da colonização europeia, sua independência também se inscreveria nos quadros maiores de crise do Antigo Regime europeu, que gestara os processos de colonização conforme estudados pelo autor. Em respostas aos seus críticos, que procuraram razões conjunturais para a abertura dos portos e a independência do Brasil (Valentim Alexandre, 1942-), que relevaram os aspectos de interiorização presentes no processo de colonização brasileira desde os seus primórdios (João Fragoso, 1959-), ou ainda que consideraram os poderes do Rei distantes demais das muitas partes do Império português e, por isso, pouco eficazes na formação de empresas coloniais (António Manuel Hespanha, 1945-), Fernando Novais observou dialeticamente que a colônia, sendo prolongamento da Metrópole, seria, também, e especialmente, a sua negação, fato que explicaria processos endógenos e as condições de privacidade na vida dos colonizadores e das gerações que se sucediam e se movimentavam pelos vastos brasis, criando circunstâncias não previstas nos motivos originais da colonização.

Fernando Novais aposentou-se da USP em 1986 e começou a lecionar no Instituto de Economia da Universidade de Campinas (UNICAMP), onde permaneceu até 2003. Continua, porém, como professor do Programa de Pós-graduação em História Econômica do departamento de História da USP. Foi, também, ao longo da sua profícua carreira, professor na Universidade do Texas, na Universidade de Paris, na Universidade de Lovaina, na Universidade de Coimbra e na Universidade de Lisboa. Em Dezembro de 2006 recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Neste século XXI dedicou-se a revisitar a Nova História e os desdobramentos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

do tema da longa duração e dos novos desafios colocados pela história cultural, em face dos debates decorrentes de embates historiográficos acerca dos sentidos do estruturalismo e da construção da narrativa. Na senda aberta por esta que parece ser uma preocupação em revisitar a sua trajetória como historiador, organizou dois livros em parceria com um dos muitos doutores que formou, Rogério Forastieri da Silva, intitulados *Nova História em Perspectiva*. Segue lendo e promovendo polêmicas, como se espera dos grandes historiadores.

Bibliografia activa: (Editor) *História da vida privada no Brasil 2 – Império: a Corte e a modernidade nacional*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997; (Editor) *História da vida privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à Era do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998; “Braudel e a missão francesa”, in: *Estudos avançados (depoimentos)*, volume 08, número 22, São Paulo, 1994; “Condições de privacidade na colônia”, in Fernando A. Novais (Editor) *História da vida privada no Brasil 1 – Cotidiano e vida privada na América portuguesa*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, pp. 13-40; “Estrutura e dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI-XVIII)”, *Cadernos CEBRAP*, número 17, São Paulo, 1974; *Aproximações – Estudos de história e historiografia*, São Paulo, Cosac Naify, 2005; *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, São Paulo, Hucitec, 1986; NOVAIS & MELLO, “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna”, in Fernando A. Novais (Editor) *História da vida privada no Brasil 4 – Contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 559-658; NOVAIS & MOTA, *A independência política do Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1996; NOVAIS & SILVA (orgs.), *Nova História em perspectiva (dois volumes)*, São Paulo, Cosac Naify, 2011.

Bibliografia passiva: ARRUDA, José Jobson de Andrade, “Fernando Novais: um marxista pascaliano?”, in *Historiografia – Teoria e prática*. São Paulo, Alameda, 2014, pp. 251- 273; COSTA, Wilma P. “A independência na historiografia brasileira”, in JANCSÓ, I. *Independência: História e historiografia*, São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2005, pp. 53-117; MALERBA, Jurandyr, “As independências do Brasil: ponderações em perspectiva historiográfica”, in *História*, volume 24, número 1, São Paulo, 2005, pp. 99-126; MORAES & REGO, *Conversas com historiadores brasileiros*, São Paulo, Editora 34, 2002; PIMENTA, João P., “A independência do Brasil como uma revolução: história e atualidade de um tema clássico”, in *História da historiografia*, número 3, Ouro Preto, 2009, pp. 53-82; RODRIGUES, Lidiane S. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e ‘Um seminário’ (1958-1978)*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011; SCHWARZ, Roberto, “Um seminário de Marx”, in *Sequências brasileiras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 86-105; SOUZA, João Paulo A. de, “Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista mercantil”, In: *Estudos econômicos*, volume 38, número 1,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

São Paulo, 2008; SOUZA, Laura de Mello e, “Política e administração colonial: problemas e perspectivas”, in SOUZA, FURTADO & BICALHO, *O governo dos povos*, São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2009, pp. 63-89; TEIXEIRA, Rodrigo Alves, “Capital e colonização: a constituição da periferia do sistema capitalista mundial”, in *Estudos econômicos*, volume 36, número 3, São Paulo, 2006.

Ana Lúcia Lana Nemi



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA